
OS UNIVERSITÁRIOS: MODO DE VIDA, PRÁTICAS LEITORAS E MEMÓRIA

Tania Dauster*

RESUMO

O texto tem como objetivo discutir o papel da biblioteca universitária na formação dos estudantes universitários, tendo em vista a chamada crise da cultura do escrito e da leitura e questões relativas à transmissão do conhecimento acadêmico.

Palavras-chave: universidade, cultura, leitura-escrita.

Nos últimos anos, venho desenvolvendo um programa de pesquisa sobre a formação do leitor em diferentes universos sociais, mostrando o seu significado como construção histórica e social em diferentes contextos. O resultado desse trabalho investigativo vem sendo publicado e apresentado em congressos nacionais e internacionais.

Neste artigo, tenho como proposta discutir, a partir de uma investigação em desenvolvimento, o papel da biblioteca universitária na formação dos estudantes, tendo em vista a chamada crise da cultura do escrito e da leitura e questões relativas à transmissão da cultura acadêmica.

NOTAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Néstor García Canclini (1999), refletindo sobre a pesquisa antropológica na cidade em tempos de globalização, sugere que o pesquisador tente entender “as novas formas de identidade que se organizam nas redes imateriais, nos processos de transmissão do conhecimento, nos laços difusos do comércio e dos ritos ligados à comunicação transnacional” (p. 113). Cabe ao antropólogo investigar tanto estes processos quanto o cotidiano e as microsituações que se apresentam ao seu olhar.

Da história da Antropologia permanece, para esse autor, a preocupação com o outro que já não habita territórios fora de sua ótica, mas que partilha o mesmo espaço de vida e que se inscreve dentro de si mesmo.

Podemos transpor as suas reflexões para o campo da biblioteca universitária investigada. Um dos desafios que enfrentamos é a sua reordenação eletrônica e os efeitos acadêmicos da amplificação comunicacional associados aos efeitos perversos, em termos de processos de exclusão, que vão sendo gerados.

Lembro, ainda, Clifford Geertz (1999), sobre a relação do antropólogo com seu objeto dentro de um mundo globalizado. Como pensar a diversidade se as fronteiras culturais não são tão claras e os modos de vida são como uma *colagem*?

Chartier (1991) em um capítulo da coleção de Ariès e Duby sobre a História da Vida Privada – Da Renascença ao Século das Luzes – entende os processos de alfabetização associados à circulação e difusão de competências específicas de escrita e leitura, e também a outras relações de sociabilidade, outras relações do indivíduo consigo mesmo, com a comunidade e com a palavra es-

*Doutora em Antropologia Social. Professora do Departamento de Educação da PUC-Rio. Pesquisadora do CNPq.

crita seja à mão ou impressa. As relações com os livros e o material impresso, possibilitadas pelo advento da imprensa, reinventam por sua vez os limites entre o público e coletivo e os modos de vida íntimos.

Chartier reporta o leitor às relações com o livro e as práticas de leitura e escrita que vão se inscrevendo no tecido social desde o século XV – a leitura visual, silenciosa, privada; a leitura “intensiva” ou dos mesmos livros recorrentemente; a leitura na intimidade conjugal; a escrita da leitura; e a leitura em família que desdobram-se em sociabilidades distintas.

Em outras palavras, textos e impressos *não têm um significado em si mesmos*, mas o seu sentido é uma produção que emerge de práticas e apropriações que geram ordenamentos, distâncias e diferentes interpretações, tendo em vista usos plurais e específicos.

Tendo tais questões em perspectiva, um dos objetivos da pesquisa, base do presente trabalho, que nesse texto será discutido resumidamente é o entendimento das relações que estudantes universitários mantêm com textos, livros, objetos circundantes e, também, com o espaço físico e social da biblioteca.

Tendo em vista esse contexto, algumas perguntas nos guiaram: qual a relação entre leitura e o modo de vida dos estudantes? Qual o significado que tomam no cotidiano? Como os usuários representam e praticam a leitura e escrita? Quais as expressões de sociabilidade? Quais os gestos e atitudes? Como se dá a difusão/circulação da leitura e escrita?

Afinal, o *quando*, o *como*, o *para que*, o *que*, com *quem* e o *com que* da leitura e da escrita (CHARTIER, id., ib.).

Roger Chartier na sua reflexão sobre a biblioteca comenta que a história da civilização ocidental é atravessada pelo sonho da biblioteca agregar todos os livros escritos (1994, p. 67-68), acolhendo, assim, a *memória do mundo*. Em outras palavras, a biblioteca como instituição universal é depositária da própria *metáfora da memória¹ humana* em termos da cultura do escrito, do saber preservado como *tesouro e patrimônio*.

Segundo o autor, a história mostra, também, como os arquitetos responderam a este mito. Boullé, ao reconstruir a Biblioteca do Rei, em 1785, tinha como inspiração a idéia de uma grande basílica que levaria o leitor ao sentimento do sagrado e do ato de estudar como viagem feita entre livros e leituras solitárias (id., ib., p. 68). A demarcação dos espaços internos bem diferenciava o mundo profano do mundo sagrado do saber.

Os modelos que deveria ser uma biblioteca ou como deveria ser organizada, vão se diferenciando até por conta das conseqüências da invenção da imprensa no que diz respeito às possibilidades de multiplicação do texto escrito. Daí, a necessidade de organizar a biblioteca tomando em consideração escolhas e critérios de qualidade. Essas considerações, entre outras, levaram a diferenciações de significado a ser emprestado ao termo, revelando, por outro lado, “a tensão entre o exaustivo e o essencial” (id., ib., p. 73).

A realidade mostrou, portanto, que a idéia da constituição materializada da memória escrita do mundo é um sonho da humanidade, um grande *mito* que cedeu lugar a outras formas de cultura organizacional do saber escrito disponível. Recentemente foi publicado no Brasil um livro intitulado: *O Poder das bibliotecas: a memória dos livros no ocidente*. O livro contém 14 ensaios apresen-

¹Sobre a questão da relação entre memória e escrita, sugiro as seguintes leituras: Platão, Fedro. Diálogos. Porto Alegre: Globo, 1954. Derrida, J. A Farmácia de Platão. São Paulo: Iluminuras, 1991.

tados durante um seminário realizado na França, em 1993, denominado sugestivamente: “Alexandria ou a memória do saber”.

As designações referentes ao livro e ao seminário – *poder e memória* – denotam que essas categorias são signos e emblemas universais que desde a antiguidade marcam essa instituição no imaginário de diferentes sociedades.

Marisa Lajolo (2001), ao comentar os estudos que compõem a obra, ressalta a sua importância, mas detecta uma ausência significativa entre os assuntos abordados: a reflexão sobre a figura do leitor. O leitor, entretanto, vem sendo objeto de um investimento intenso de pesquisa, desde as últimas décadas do século XX, inclusive no campo de programas de pós-graduação em educação, a partir do cruzamento de distintos enfoques teóricos. Buscando aprofundar essas questões, a seguir serão apresentados resultados preliminares recentemente publicados, tendo como foco o trabalho de campo realizado.²

A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA COMO UM ESPAÇO MÚLTIPLO

Situando nosso leitor, cabe-nos iniciar fornecendo algumas informações. Nosso campo de pesquisa é uma biblioteca universitária situada em um campus na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, atendendo a mais de 10.000 alunos, entre graduandos e pós-graduandos. O espaço é aprazível, as instalações são boas, o burburinho e a movimentação são intensos nos períodos escolares.

Trata-se de universidade emblemática, que se destaca entre outras por sua cultura de ensino e pesquisa, tendo entre seus ex-alunos profissionais de influência nos contextos sociopolítico nacional e internacional, simbolizando referência de relevo para o ingresso no mercado de trabalho.

Não sendo uma universidade pública, é um espaço que, através de estratégias e critérios de política universitária, admite, além de estudantes de setores econômicos de alta renda, alunos de camadas populares da sociedade, o que gera uma paisagem diferenciada pelos perfis socioeconômicos e étnicos que aí são perceptíveis. Assim posta, a diversidade constituinte dos alunos nos instiga a pensar as distâncias que emergem de diferentes posições sociais ocupadas pelos grupos na sociedade, por sua vez, produtoras de significações específicas e singulares que informarão os usos e as práticas de leitura.

A Divisão de Biblioteca e Documentação é um sistema de bibliotecas e documentação que ocupa três andares de um dos prédios da Universidade que assim podem ser articulados: salão de leitura, biblioteca, bibliotecas setoriais, sala de consulta, sala de estudo em grupo, setor informatizado, arquivos etc. Lugar de leitura, trabalho e pesquisa. Portanto, *lugar de memória*.

No primeiro contato com o campo, a bibliotecária e maior responsável pela biblioteca, levou-nos a conhecer todo o funcionamento desta e os lugares aos quais poucos têm acesso como o armazém e a sala de obras raras. O armazém possui três andares: 1^o de livros; 2^o de periódicos (de 1995 a 2000) e o 3^o de teses PUC e não PUC. Têm os periódicos referenciais que não podem ser emprestados, folhetos e publicação da PUC, obras raras de antes de 1800, coleção especial e diários oficiais. As obras raras recebem um tratamento especial, por serem edições príncipes, no setor de

²Trechos da etnografia foram extraídos do artigo intitulado: “A invenção do leitor acadêmico” – quando a leitura é estudo. In: *Educ-Ação*, 57. Departamento de Educação, PUC-Rio, cujos autores fizeram parte da seguinte equipe de pesquisa do Departamento de Educação: Tania Dauster e Rosália Duarte (professoras, pesquisadoras e coordenadoras), Andréa Pavão (doutoranda), Dione Dantas do Amaral (mestranda), Barbara C. R. Marques (graduanda).

restauração, e não é permitido fazer cópia de nenhuma delas, que só podem ser tocadas com luvas. A obra mais antiga é de Dom Quixote, do século XIX.

Há também muitos exemplares de livros esgotados. Podemos dizer que a escolha, classificação e manutenção do acervo é um exercício dentro dos limites impostos pela concepção institucional, mas em constante renovação. Por outro lado, a forma pela qual as obras raras são manipuladas, lembra-nos, outra vez, o efeito de sacralização que o usuário pode experimentar no interior de grandes bibliotecas. Os volumes assim classificados seriam profanados caso fossem fotocopiados ou tocados sem nenhuma proteção. Ademais, emprestam materialidade à metáfora da *memória*.

A história das bibliotecas é habitada pelo mito. Babel e Alexandria são dois pólos fundamentais desse imaginário. De um lado, o império dos signos, com seus jogos de espelho e de *mise en abyme* (narrativa dentro da narrativa), suas ligações hipertextuais que se desdobram em labirintos, escapando no fim a todo controle intelectual: a biblioteca como metáfora do infinito, do tempo imóvel, da imensa sincronia de todas as palavras e pensamentos jamais formulados, exposta ao risco final da perda de sentido e de referência (JACOB, 2000, p. 11).

O acervo conta hoje com cerca de 150 mil livros, mas somente 20% ou 30% estão cadastrados no sistema Pégamo, enquanto os demais encontram-se em fichário de papel. Todas as teses já estão no sistema e são muito utilizadas pelo pessoal não só da universidade, como também de outras.

A biblioteca não recebe verbas. É com o dinheiro das multas que repõem-se as obras. Todo o acervo é doação de departamentos (principalmente a coleção didática) de outros setores da universidade, de instituições e/ou pessoas físicas. Um dos critérios de escolha dos títulos a serem adquiridos diz respeito ao bom embasamento teórico da obra.

Há uma Seção de Referências, completamente informatizada, onde alunos e professores podem consultar bases de dados em CD-Rom, solicitar levantamentos bibliográficos e/ou cópias de artigos de periódicos científicos localizados em outras instituições ou países. Essa biblioteca mantém relações de cooperação mútua com outras, atendendo pedidos de outras instituições em maior número do que solicita. Em mais de um sentido, trata-se de uma biblioteca articulada em redes.

Há três tipos de empréstimos: para o professor – um mês; para os demais – os livros não didáticos – quinze dias; a coleção didática – sete dias. A não entrega dos livros na data prevista implica multa diária, que só pode ser abonada com atestado médico. O sistema informatizado permite fazer reservas no local ou via internet. Mesmo com todo controle existente, muitas obras não são devolvidas.

O próprio sistema emite a etiqueta dos livros. Livros com tarja vermelha são emprestados somente na sexta, a partir das 19:00h, e devem ser devolvidos na segunda. Livros com tarja amarela restringem-se à coleção didática; com verde à setorial de ciências humanas (é a que menos tem obras no sistema, por ter um acervo maior) e com azul à setorial de ciências sociais, cujo acervo já está todo no sistema e inclui jornais e revistas.

O funcionamento regular é de segunda à sexta, de 8:30 às 20:50h. O movimento é muito intenso e é maior ainda em época de prova e trabalho e em intervalos de aula. Nas férias, o atendimento ao público externo se intensifica (atende todo o Estado). O quadro de funcionários é composto de vinte e três bibliotecários (curso superior em biblioteconomia) e trinta e sete trabalhando na administração (com formação de nível médio, além de noções básicas de informática).

Os usuários são variados. Existem aqueles que só aparecem em época de provas e trabalhos, enquanto uns poucos são tidos como usuários “perenes”. À noite, os frequentadores são em menor número e surge um outro perfil de usuário: são homens de terno e gravata e mulheres de *tailleur* e sapatos de salto, provavelmente profissionais que trabalham durante o dia e estudam no período noturno. Tendo em vista que grande parte dos funcionários são estudantes de graduação, muitos deles se tornam, também, usuários da biblioteca.

O significado dessa biblioteca reside, certamente, nas formas de apropriação dadas pelos seus leitores, que dentro do quadro acima descrito deve ter um certo grau de variabilidade.

Ao final de um período de observação sistemática, foi possível perceber certas normas, *habitus* e práticas comuns que ordenam e orientam o uso dos espaços da biblioteca. Percebeu-se que cada espaço tem suas regras, seu modo de funcionamento, sua sociabilidade específica. Há fronteiras físicas e simbólicas que delimitam esses espaços e rituais que autorizam a passagem de um para outro.

A roleta, que separa a ante-sala do salão de atendimento, representa uma primeira fronteira que para ser transposta exige desvencilhar-se de mochilas, pastas e sacolas. Ali, um funcionário controla o que está sendo conduzido para dentro e para fora da biblioteca. Para o salão de leitura podem ser levados: livros, textos (trechos fotocopiados de livros), cadernos, lápis, canetas, borrachas, blocos de notas, *notebooks*. Alguns usuários possuem já seus *kits* de biblioteca com tudo quanto venham a precisar. No mais, a carteira de identificação digital, que se integra ao sistema da biblioteca, através da qual é possível efetuar as operações e controle dos usuários. E, por fim, a chave do escaninho, que guarda os pertences inúteis às práticas de biblioteca.

Nessa passagem, vivencia-se um ritual, ao mesmo tempo, de individualização – identificar-se e preparar-se para a leitura silenciosa e individualizada exigida para o ingresso e permanência no salão de leitura –, e de agregação a uma outra socialidade (SIMMEL, op. cit.), com regras e características próprias – despojar-se de suas marcas e pertences individuais para aderir a certas normas de convivência coletivas. Transpor este limite significa uma mudança de posição e de lugar, inclusive, uma mudança de gestos e atitudes.

Anterior à roleta, um espaço bastante frequentado na biblioteca é a sala de estudos em grupo, que fica ao lado do corredor de entrada. A sala não tem nome, na porta está escrito apenas: “Não fume, coma ou beba nesta área”. No entanto, seus usuários a denominam de várias formas: espaço da zona, sala de bate-papo, sala de estudo em grupo, sala do sono. Ali, é possível falar, conversar, namorar, lanchar e assim por diante, sem ser advertido. Nenhum funcionário transita regularmente por esse espaço. Pode-se dizer que a sociabilidade³ dos encontros entre colegas e namorados pode ser livremente vivenciada.

Sobre as mesas cadernos, textos fotocopiados, pastas, calculadoras, lápis, canetas, latas de coca-cola, celulares, jornais, folhetos e poucos livros podem ser observados.

Perguntando-se aos estudantes sobre suas áreas de estudo, como estudam naquele espaço, como conseguem se concentrar e se vão constantemente aos salões de leitura, ficamos sabendo que

³“Aqui, ‘sociedade’ propriamente dita é o estar com um outro, para um outro, contra um outro que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberadas de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmas e pelo fascínio que difundem pela própria liberação destes laços. É isso precisamente o fenômeno a que chamamos sociabilidade” (SIMMEL, 1983, p. 169).

grande parte pertence às áreas “exatas” como economia, engenharia, contabilidade e todos afirmam que naquele ambiente só é possível fazer atividades em grupo. Em se querendo ler, é indispensável ir para os salões de leitura individual. Dizem que vão mais à biblioteca para fazer trabalhos em grupo ou estudar para prova ou, ainda, porque marcam com os amigos para uma conversa. Este é um ambiente coletivo, que se opõe, pelas relações observadas, ao ambiente de recolhimento compartilhado dos salões de leitura.

SOCIABILIDADE E LEITURA SILENCIOSA

Pretendemos descrever formas pelas quais distintas sociabilidades e usos vão construindo simbolicamente os diferentes espaços dessa biblioteca. Momentos de intensa sociabilidade grupal, quando se registram formas lúdicas de socialização, a “interação entre iguais”, revelando jogos eróticos e conversas animadas. Faz lembrar Simmel quando diz: “De fato, entre todos os fenômenos sociológicos, com a possível exceção de ‘olhar um para o outro’, a conversa é a forma mais pura e elevada de reciprocidade” (1983, p. 177). Assim acontece na sala de estudos em grupo.

Das diferentes expressões de sociabilidade, descortinamos momentos de oralidade e silêncio; trânsito e fixação; concentração e distração; cooperação e individualização; rituais de despojamento material e rituais de apropriação simbólica estabelecendo fronteiras sociais internas ao espaço denominado “biblioteca central”.

Já nos salões de leitura, os gestos delicados exprimem as técnicas de leitura e escrita em tom de concentração, reflexão, calma, elaboração. Alguns dos presentes sorriem, mas os semblantes, na sua maioria, refletem atenção. Uns poucos cochilam, outros lançam ao longe o olhar. Alguns trocam discretamente informações.

Os salões de leitura se diferenciam. O maior, situado no andar de baixo da biblioteca, pode ser usado por graduandos e pós-graduandos. As mesas são individuais e enfileiradas, convidando ao trabalho individual. Temos aí o reino do indivíduo como valor. As regras, proibições, rituais contribuem para a invenção de um *habitus* de leitura de um tipo de leitor que vimos denominando acadêmico. A formação do leitor acadêmico exige atitudes de estudo individual, leitura silenciosa, práticas de pesquisa de referências, técnicas de consulta, confronto entre textos, práticas de escrita formal. Depreende-se daí uma outra “sociedade” (SIMMEL, 1983), como modo de “estar com um outro” em laços de sociabilidade com vida específica de biblioteca.

Nas salas de estudo das bibliotecas setoriais, usadas preferencialmente por pós-graduandos,⁴ as mesas podem ser ocupadas até por quatro pessoas, enquanto os que preferem isolamento podem fazer uso de cabinas individuais. Aqui, também, insinuam-se outras sociabilidades: silenciosas trocas de textos, anotações, olhares, gestos e sussurros indicam, por vezes, atitudes de colaboração intelectual.

À volta observam-se exemplos de uma cultura material acadêmica: lápis, canetas, blocos, borrachas, cadernos, xerox, livros e *notebooks*. Para quem quiser, uma prateleira disponibiliza jornais diários e revistas, enquanto nas estantes, livros, teses e dicionários ficam à disposição dos usuários.

Em todos os salões de leitura está presente um funcionário responsável por fazer cumprir as regras institucionais e dar auxílio aos frequentadores. Não há, entretanto, como evitar transgressões.

⁴Há avisos sobre as mesas alertando o usuário de que pós-graduandos têm preferência sobre o uso daquele espaço.

Essa presença discreta materializa, aos olhos de quem ali se encontra, a autoridade que emana de um patrimônio humanista, cultural e histórico, representado de forma material e simbólica naquele espaço.

Mas insistimos: qual o significado das práticas de leitura e escrita para os usuários dessa biblioteca? Trata-se de uma leitura literária (de formação) ou uma leitura científica (do saber)? Será que cabe essa dicotomia?

De pesquisas precedentes temos a convicção de que o leitor de literatura se forma mediante identificações e gestos, práticas escolares e extra-escolares em contato com livros, histórias contadas e pessoas que dão pertinência e significação à leitura, dentro de horizontes onde a gratuidade, o prazer, a escolha, a liberdade iluminam o trajeto.

Nesse espaço, a observação conduziu a uma outra hipótese: sem descartar o “prazer”, tais práticas negam qualquer noção de gratuidade, que é suplantada pela idéia de “trabalho” e “funcionalidade” (FRAISSE, 1993). Nas visitas à biblioteca o que se percebeu foi a leitura do livro como estudo acadêmico e não como prazer desinteressado e espontâneo. A leitura é associada à produção do saber e a exigências pedagógicas.

Que comunidade de leitores constitui e/ou é constituída nessa biblioteca? Quais são as leituras tutelares e as leituras autônomas? O que significa liberdade para o leitor que lê um livro? Quais são as possibilidades e limitações das práticas de leitura e do próprio leitor impostas pela cultura acadêmica?

CRISE DE LEITURA?

Ce n'est qu'à la fin des années 80 que les étudiants sont apparus en France comme un objet légitime d'études pour les spécialistes de la lecture. Longtemps la sociologie de la lecture, qui se constitue à la fin des années 50 et bénéficie par la suite des apports méthodologiques de l'histoire de la lecture, a privilégié l'observation des pratiques de lecture des populations peu lectrices... à la fin des années 80, on assiste à un élargissement des champs d'analyse de la sociologie de la lecture en direction des bons lecteurs (FRAISSE, 1993, p. 3).

Na França, os primeiros estudos realizados sobre as relações entre estudantes e leitura apareceram na década de 1980 no curso de discussões sobre uma grande crise envolvendo não só a questão da transmissão do ensino e de valores, como de uma crise da cultura do escrito e da leitura (FRAISSE, 1993).

Tais preocupações não se expressam, apenas, na sociedade francesa. Aqui no Brasil, como lá, a leitura, como questão sociológica, vem ocupando não só os pesquisadores e os professores, como também os meios de comunicação, os administradores públicos, livreiros, editores e escritores, tendo em vista a criação de novos leitores e o estímulo ao hábito de leitura.

Nos dois itens precedentes, apresentamos extratos da pesquisa empírica que realizamos na biblioteca universitária, o que permitiu o levantamento de algumas hipóteses e sugeriu os comentários que seguem.

Assim sendo, pretendemos mostrar como as múltiplas sociabilidades observadas nos conduzem a pensar essa biblioteca como um território múltiplo, ou seja, plural, na medida em que as relações sociais entre usuários e o contexto, produzem características inconfundíveis. Outros sinais podem ser observados que dizem respeito à arquitetura interna, à disposição física e à especificidade do mobiliário que são distintivos da forma de uso e impregnam a visão do observador. Estas ins-

talações materiais induzem, portanto, atitudes e gestos próprios aos domínios da organização da biblioteca.

Como explica Cardoso de Oliveira (1998, p. 21) o *ouvir* e o *olhar* estão articulados e servem ao pesquisador na construção do conhecimento.

No decorrer da investigação de campo, esta complementação mostrou de maneira significativa as distinções internas ao “terreno” trabalhado. As metáforas do *templo* e do *sagrado* auditivamente se impunham ao pesquisador no interior dos salões de leitura em confronto com as outras dimensões institucionais. Tal qual em um santuário, o silêncio reinante era apenas entrecortado pelo ruído das folhas viradas de um livro, pelos passos abafados de quem entra ou sai e sussurros ocasionais.

Podemos dizer que os salões de leitura são emblemáticos de alguns valores e atitudes expressivos na educação humanística.

Para Jorge Larrosa (1996), a educação humanística tinha na Biblioteca a sua dimensão privilegiada. Lugar esse, que por estar distante simbolicamente do dia a dia, comunicaria algo de sagrado e por ser algo extraordinário, convidaria o leitor ao recolhimento e à contemplação.

Em que pesem todas as críticas feitas ao sistema de educação atual, temos que reconhecer nos salões de leitura da biblioteca universitária um “tom” de trabalho e concentração. Os usuários escrevem e praticam a leitura silenciosa. Esta competência implica familiaridade no ato de ler “enquanto ato de produção de significado e interpretação” (CHARTIER, 1990), dá sentido à leitura realizada nesse espaço e ancora o desenvolvimento das aptidões intelectuais.

Christian Jacob (id., ib., p. 12) afirma que, desde sempre, as práticas da leitura erudita estão associadas, concomitantemente, à escrita de notas, comentários, textos. Operações intelectuais de síntese, análise, comparações e adições são parte desse processo de produção de conhecimento. O leitor é obrigado a selecionar, reelaborar, rememorar, referenciar, classificar no exercício da escrita de novos textos. Este “ofício” de leitor guarda correspondência com a potencialidade da biblioteca na qual se desenvolve.

Desta forma, a etnografia realizada permitiu que levantássemos como hipótese *ad hoc* que a *invenção do leitor acadêmico* está associada à leitura como estudo e trabalho, a partir de habilidades específicas, como por exemplo, a associação entre leitura e escrita, a tomada de notas, a relação contrastiva entre autores, a consulta bibliográfica, o exame de índices remissivos, o estabelecimento das relações entre as partes e o todo, que entre outras habilidades conduzem à construção social e histórica de uma cultura de leitura.

POLÍTICAS PÚBLICAS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tratarmos do leitor acadêmico estamos nos referindo ao setor da população “incluída” no sistema (FREITAG, 1999) que, em outras palavras, tem considerável poder na sociedade.

A frequência e uso dessa biblioteca de uma importante universidade brasileira representa elemento preponderante na formação das elites intelectuais do país. A etnografia confirma que determinadas disposições intelectuais podem ser associadas ao papel das bibliotecas na vida de seus usuários cujos efeitos são produtores de poder e de hierarquizações sociais e econômicas.

Segundo a Unesco (ap. FIORI, 1999, p. 119), são fatores críticos no estabelecimento do hábito de leitura de um povo ou de uma pessoa “Ter nascido numa família de leitores, ter passado a

juventude num sistema escolar preocupado com o estabelecimento do hábito de leitura, o preço do livro, o acesso ao livro e o valor simbólico que a população lhe atribui”.

Estes são aspectos com os quais as políticas públicas deve confrontar-se. Por outro lado, as pesquisas empíricas, como a que apresentamos, servem como base para a sua elaboração.

Temos conhecimento de que o tolerável, segundo a Unesco, seria uma biblioteca para cada 12.000 habitantes, segundo dados do Jornal do Brasil (Informe JB, 1997). Citando fontes do projeto “Uma biblioteca para cada município”, explica que existem 22 milhões de brasileiros alfabetizados sem biblioteca perto de casa, 2.200 municípios sem biblioteca pública, o que equivale a 40% dos municípios. Existem apenas 3.500 bibliotecas públicas, para alcançar o mínimo ideal seria necessária a criação de aproximadamente 2.000 bibliotecas, além do que as já existentes precisariam ser atualizadas freqüentemente com obras de referência que servissem à formação dos estudantes, além de darem acesso à literatura ficcional.

De estudos precedentes, trazemos a constatação de que a formação do leitor se dá na liberdade de escolha e no prazer que o leitor experimenta na relação com o texto de ficção.

O gosto pela literatura pertence ao domínio da arte. Birman (1996) comenta que o leitor moderno tem com o texto uma relação de prazer e revelações imaginárias, até porque a leitura é aprimoramento da sensibilidade e não pode ser reduzida à produção de conhecimento ou à busca de informações.

Em outras palavras, só a relação com a literatura põe em pauta o enriquecimento da subjetividade, da linguagem e dos valores estéticos (BLOOM, 2001), abrindo ao leitor um outro caminho de desenvolvimento do sujeito.

Para terminar, voltemos aos nossos leitores universitários.

Qual o espaço simbólico existente para o desfrute da leitura em termos de gratuidade, deleite e gozo estético? Além da imposição da leitura obrigatória para atender os compromissos de trabalho acadêmico, quais os horizontes que podem ser abertos no interior da biblioteca universitária? Como articular a leitura literária com a leitura científica?

A construção do leitor é um processo contínuo e as medidas a serem adotadas abrangentes. Tendo em vista, entretanto, o nosso espaço de investigação, uma recomendação pode ser feita: a implantação de programas de incentivo à leitura no tempo ocioso da biblioteca universitária.

A implementação desta política cultural implicaria na abertura da biblioteca universitária nos finais de semana para leituras de clássicos, encontros com autores, rodas de leitura e contadores de histórias, reforçando, assim, o papel mediador da biblioteca como *locus* privilegiado na formação do sujeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARATIN, M.; JACOB, C. (dirs.) *O poder das bibliotecas – a memória dos livros no ocidente*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.
- BIRMAN, Joel. O sujeito na leitura. In: *Por uma estatística da existência*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- BLOOM, H. *Como e porque ler*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- BORGES, J. L. *Ficciones*. São Paulo: Editora Globo, 1969.
- CANCLINI, N. G. *Consumidores e cidadãos*. Conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.
- CHARTIER, R. A *História cultural entre práticas e representações*. Memória e sociedade. Lisboa: Difel, 1990.
- _____. As práticas da escrita. In: *História da vida privada – Da Renascença ao Século das Luzes 3*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- _____. *A ordem dos livros*. Brasília: Editora UnB, 1994.
- CUÉLLAR, J. P. (org.) *Nossa diversidade criadora*. Relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento. Campinas: Papirus; Brasília: Unesco e Minc, 1997.
- DAUSTER, T. Leitura, saber e cidadania. In: *Simpósio Nacional de Leitura*. Espaço Teórico (debatedora Tania Dauster). Rio de Janeiro: Edição Conjunta. Fundação Biblioteca Nacional. Proler – Centro Cultural do Banco do Brasil, 1994.
- _____. Nasce um leitor. In: *Leitura e leitores*. Rio de Janeiro: FBN, Proler, Casa de Leitura, 1994.
- _____. O Cipoal das Letras. *Leitura: teoria e prática – Revista Semestral da Associação de Leitura do Brasil*, Campinas, ano 13, n. 24, p. 116-120, dez. 1994.
- DAUSTER, T.; MATA, M. L.; GARCIA, P. B. Práticas de Leitura – Escola e Centro de Lazer. *Série Documentos. VIII Endipe*. Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, n. 1. Florianópolis, maio de 1996.
- DAUSTER, T.; GARCIA, Pedro Benjamim. *Reordenação de linguagens e formação do leitor*, projeto de pesquisa interinstitucional PUC-Rio e UFRJ, 1997. Mimeogr.
- _____. Jogos de Inclusão e Exclusão Sociais – sobre leitores e escritores urbanos no final do século XX no Rio de Janeiro. In: FREITAG, Barbara (org.) *Anuário de Educação 1998*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1998.
- DAUSTER, T. A formação do leitor. *Veredas*, Rio de Janeiro, ano 4, n. 44, p. 42, ago. 1999. Centro Cultural do Banco do Brasil.
- _____. “Espaços de Sociabilidade”: ouvindo escritores e editores sobre a formação do leitor e políticas públicas de leitura no final do século XX. In: ARGUS, Prado J.; CONDINI, P. (orgs.) *A formação do leitor*. Rio de Janeiro: Pontos de Vista, 1999.
- _____. A fabricação de Livros Infante-Juvenis e os usos escolares: o olhar dos editores. *Leitura: teoria e prática*, Campinas, ALB – Faculdade de Educação / Unicamp, v. 19, n. 36, dez. 2000.
- DAUSTER, T.; DUARTE, Rosália et al. A invenção do leitor acadêmico. *Educ-Ação*, Departamento de Educação – PUC-Rio, Rio de Janeiro, n. 57, jan. 2001.
- FRAISSE, E. *Les étudiants et la lecture*. Paris: PUF, 1993.
- FREITAG, B. Introdução geral. *Anuário da Educação 97/98*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- _____. Os usos da diversidade. *Horizontes Antropológicos*, Diversidade Cultural e Cidadania, Porto Alegre, ano 5, n. 10, maio 1999.
- GENNEP, Arnold Van. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- LAJOLO, M. O tesouro de Alexandria. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 jan. 2001. Caderno Idéias.
- LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Trad. Alfredo Veiga Neto. Porto Alegre: Contra-bando, 1998.
- _____. *La experiencia de la lectura – estudios sobre literatura y formación*. Barcelona: Laertes Sa de Ediciones, 1996.
- OLIVEIRA, R. Cardoso de. *O trabalho do antropólogo*. Brasília, DF: Unesp, Paralelo15, 1998.
- SIMMEL, Georg. Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal. In: FILHO, Evaristo de Moraes. *Simmel: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

-
- VELHO, G. Observando o familiar. In: *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- _____. *Subjetividade e sociedade* – uma experiência de geração. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- ZILBERMAN, R. Ler ou estudar: eis a questão? In: *Leitura: Teoria e Prática*. Campinas, São Paulo.
- WERTHEIN, J. A Unesco e a formação do leitor. In: PRADO, Jason; CONSINI, Paulo. *A formação do leitor* – pontos de vista. Rio de Janeiro: Argus, 1999.

RESUMEN

El objetivo del presente artículo es discutir el papel de la biblioteca universitaria en la formación de los estudiantes universitarios en el marco de la llamada crisis de la cultura de la escritura y de la lectura y de las cuestiones relacionadas a la transmisión del conocimiento académico.

Palabras-clave: *universidad, cultura, lecto-escritura.*

ABSTRACT

The text aims to discuss the role of the university library in the education of the university student, taking into account the so called "crisis of the writing and reading culture" and the questions related to the transmission of academic knowledge.

Keywords: *university, culture, reading/writing.*